

THEATRO DE S. CARLOS LUCCIA

THE



Mais um enorme triumpho para Regina Paccini. Para definir o talento d'esta artista extraordinaria lembra-nos uma comparação muito recóco mas muito verdadeira: ella é como o sol, que nos deslumbra apenas nasce, para a cada passo augmentar ainda esse deslumbramento.

THEATRO DE S. JOÃO DO PORTO

COMPANHIA LYRICA ITALIANA TRADUZIDA EM HESPAÑHOL



1.º tenor —

2.º tenor —



1.ª dama —

Baixo —

Pela audição da *Hebraica* ajuisamos que a companhia é boa; o tenor, sobretudo, excellente; preferiamos entretanto, e o publico também preferia, e a propria companhia também devia preferir, as operas lyricas.

Por ahí...



Ha coisa de um mez que os telegrammas de todos os pontos do reino nos dizem claramente: o paiz está sobre um volcão!

Segundo esses telegrammas, os povos de grande numero de parochias estão-se levantando todos os dias em massa—com a mesma semcerimonia com que nós nos levantamos em camisa—e, armados de choupas e de caixinhas de phosphoros,

investem com as repartições do estado e queimam todos os papéis.

Alguns parochianos mais exaltados têm até pretendido, no seu furor incendiario, confundir os respectivos parochos com os productos da Abelheira ou do Tojal e tismal-os de parceria com a papelada dos boletins do inquerito agricola.

É pois evidente que o paiz está sobre um volcão; assim o dizem, pelo menos, os desventurados boletins do inquerito agricola, ao passo que os seus collegas meteorologicos—os boletins do observatorio da Tapada—affirmam pelo contrario que o paiz está mas é sobre uma gelcira—o que aliás tambem se confirma pela asperesa do taró que temos atravessado.



Entretanto, Lisboa conserva-se fóra da ordem geral: se ha volcão ainda não chegou por cá—com grande gaudio dos srs. priores das freguezias e não menor desespero das pessoas friorentas.

Lisboa está gosando, como se diz na *Judia* do sr. Thomaz Ribeiro:

«No ceu inteira paz
Na terra pleno abril!»

Uns dias bellissimos, lindissimos, formosissimos, que devem fazer ciumes pungentes ao sr. conselheiro Carlos Bento e causar profundos desesperos ao sr. conde de Casal Ribeiro!

Uns dias deliciosos para estar na janella a ver quem passa ou para andar pela rua a ver quem está á janella.

Magníficos para jardinar ou para ver quem jardina...



Isto não é piada disfarçada ao sr. Monteiro Milhões. Interrompemos de proposito a nossa chronica para o declararmos cathegoricamente, não fossem para ahí suppor os mal intencionados que estivemos apregoando o excellencia d'este tempo como o mais apropriado para a contemplação do referido sr. Monteiro...

Porque nós dissemos do tempo: «magnífico para jardinar, ou para ver quem jardina».

Ora a unica pessoa que por ahí *jardina* em todos os sentidos é o sr. Monteiro Milhões. *Jardina* porque é

muito rico, porque não tem nada que fazer; e como não tem nada que fazer, faz muito bem em jardinar em vez de fazer colheres. E *jardina* igualmente em todos os jardins municipaes, que lhe defrontam com os predios novos, como ultimamente se tem mostrado.

Cada reedificação que s. ex.^a leva a cabo nos seus predios é logo assignalada por uma hecatombe medonha nas pobres hervinhas da visinhança.

Parece o rei de Dahomey da floricultura municipal!

A's innocentes pimenteiras da Praça de Luiz de Camões seguiram-se as piteiras virgens do Largo do Quintella!

S. ex.^a não quer defronte dos seus jardins nem pimentas nem piteiras: nem o que arde, nem o que pica...

Esta tenacidade accintosa do sr. Monteiro Milhões em perseguir desapiedadamente todas as hervinhas que que lhe defrontam com os predios está pondo em sobressalto os vasos de mangerico e lançando mesmo um terror justificado no seio de diversos hervanarios.

S. ex.^a a reedificar um predio em frente do hervanario da travessa da Assumpção, e era uma vez o negocio das malvas.

Quanto aos jardins, esses andam deveras atomatados com o receio da visinhança do sr. Monteiro Milhões.

O Cypriano Jardim, que já tem concluída a planta dos balões dirigiveis, treme como varas verdes só de lembrar-se que o sr. Monteiro pode de um dia para o outro arrancar-lhe a *planta* dos balões substituindo-lh'a por alguma planta de feijões...



Salões, palcos e circos



Suas magestades acabam de abrir uma excepção em favor de dois actores que ha muito pouco tempo debutáram em presença do publico illustrado.

Até hoje suas magestades limitavam-se a distinguir os artistas de

maior vulto, chamando-os ao seu camarote, agraciando-os com o habito ou, quando muito, com a commenda de S. Thiago e nomeando-os—aos do theatro lyrico—cantores da real camara, logar em que elles, afinal, nunca chegavam a ter a honra de pôr os pés.

Pois aos dois referidos artistas a que acima nos referimos concederam suas magestades que pozessem os pés não só na real camara mas até nos reacs aposentos particulares, e que pozessem não só os pés como tambem as mãos, visto os mencionados artistas não saberem andar senão de gatinhas!

Esses artistas, que são os dois leõesinhos mais pequenos da *troupe* mr. *Secht*, retiraram muito penhorados pela amabilidade dos donos da casa; mas os de-

DEPOIS DO DISCURSO



— Então que te parece? Não fiz boa figura?
 — Fez figura de viu...
 — ?...
 — Quer dizer: fez figura triste...

M. Augusto Bordallo Pinheiro

mais artistas é que ficaram como umas *bichas* — o que talvez lhes sirva de recommendação para a admissão no paço, visto acharem-se agora nas requeridas condições zoológicas...

Pessoas affectas a suas magestades desculpam o procedimento dos monarchas, allegando que elles assim praticaram em razão dos artistas exceptuados serem umas criancinhas de mãma.

Mas a razão não pèga, porque, se suas magestades queriam receber artistas ainda de mãma, não dèsem a preferècia a artistas estrangeiros.

Foi vontade de escandalizar o pobre Silva Pereira...



No *Coliseu* debutam brevemente as celebres irmãs *Castagnas*, que veem precedidas da fama de artistas singulares.

Antes porém de apparecerem no *Coliseu* estas artistas singulares — no plural *Castagnas* — já appareceram no singular *Castagna*, em uma das ultimas noites, no salão do theatro de S. Carlos.

A *Castagna* de S. Carlos não foi com *g n a*, isso é verdade, mas foi com *n h a*, o que não importa nada para a pronuncia, se bem que importe alguma coisa para as costellas dos que jogaram a *castanha*...



Hora de Portas



A' hora a que em Lisboa o rapazio activo desembocar da rua do Norte, apregoando os *Pontos nos II*, deve abrir no Porto, no soberbo salão do Atheneu Commercial, a exposição de faianças das Caldas da Rainha, ha tanto projectada.

Esta exposição parece prima co-irmã da apregoada reforma das alfandegas, da ultima toirada do Guerra

e do celebre casamento do principe Cornelio Gil:

De mez p'ra mez — fatal demora —
A exposição andado tem.

Em summa, cil-a finalmente aberta; e a nossa pena é não lhe assistirmos á abertura, tanto mais que, tendo ido ao Porto de proposito para isso, e passando lá quatro dias á espera d'isso, tivemos de voltar pelo mesmo caminho chuchando no dedo a respeito de exposição, isto é, com dez mil peças de loiça fina atravessadas na garganta!

Felizmente, em Santa Apollonia os guardas fiscaes não nos revistaram a garganta e as dez mil peças de loiça passaram incolumes — talqualmente os dez mil kilos de fava e correspondentes panos de palha chegados ha tempo para uso proprio do nuncio de Sua Santidade.

Mas, se não chegámos a ver a exposição completa, sempre conseguimos fazer uma ideia do que ella será, pela ornamentação já muito adiantada ao tempo a que d'ali retirámos.

E, além d'isso, a exposição serviu-nos de pretexto para quatro dias de regabofe, n'aquella excellente cidade do Porto, onde agora ha, como em Lisboa, uns dias deliciosos, que convidam ao passeio matutino, por entre os ranchos animados de centenas lavradeiras, que se crusam em todos os sentidos, estas conduzindo o leite regelado pelo norte da manhã, aquellas transportando á cabeça ceiras enormes de hortaliça, que parecem de longe os jardins suspensos de Babylonia, aquell'outras carregando arrateis e arrateis da brôa tradicional, o chamado *pão negro da desgraça*, que o leitor naturalmente ainda não provou, em obra, mas de que por certo já está farto — em figura de rhetorica.

A precipitação com que retirámos do Porto não nos deixou sequer dar o aperto de mão da despedida a quantos nos foram agradaveis, que são muitos, nos collegas da imprensa que nos encheram de finezas, ao Cyriaco de Cardoso que nos encheu os ouvidos de boa musica, ao Henrique Coutinho que nos encheu a mala de lindas camélias, ao Carlos Ivens, que nos encheu o corpo de nodos negras com abraços, ao Grande Hotel do Porto e ao Universal que nos encheram a pança de bons petiscos, finalmente a todos que nos encheram de obsequios e que não podemos citar na integra para não enchermos um caderno de papel.

Isto foi connosco, um humilissimo chronista que mal teve tempo de chegar e voltar, imagine-se portanto o rol de agradecimentos que temos de dar em nome do nosso director, que ali se demora ha tempo e o qual já estaria na espinha, com as ralações que a exposição lhe tem mettido no corpo, se não estivesse antes a arrebentar, com a data de finezas que a obsequiosidade portuense lhe tem mettido no mesmo sitio.



Politica em bolandas



Alguns theatros queixam-se da falta de concorrècia e attribuem esse facto á abertura do *Coliseu*, onde o publico tem por baixo preço uma noite de espectáculo variado, ora divertido com a apparição dos clowns, ora emocio-

nado com a presença dos leões, restando-lhe ainda por cima a faculdade de conservar o chapéu na cabeça, o charuto na bocca, e de poder dar á lingua, sentado ou de pé, junto do namoro ou giraldando a seu bel-prazer.

Pois não tem razão os theatros. Isto é: tem razão, mas erram o alvo onde assenta a causa das suas desventuras.

O BAILE COSTUMÉ NOS SALÕES DO SR. ARNALDO CASTILHO



© consul de chimpanzé

(Este desenho devia ser em chromo, porque a casaca era vermelha, a calça azul clara e o chapéu de tres cores.)

Festa lindíssima, senhoras formosíssimas, brilhantes profusos, *costumes* elegantíssimos, *toilettes* riquíssimas, alimentação delicadíssima, salas magníficas, amabilidades inexcelsíveis, eis uma rápida sumula do que foi o baile a que tivemos a honra de assistir, de parceria com a sociedade portuense mais extremadamente distincta.

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO